

16 DEZ 2003

JORNAL DO BRASIL

ECONOMIA - BRASIL

# Brasil, futura nova China?

MIGUEL JORGE

EMPRESÁRIO

Com as incertezas de qualquer previsão, em algumas décadas, o Brasil poderá se tornar um gigante da economia mundial, superando até a Alemanha, diz um estudo do banco de investimentos americano Goldman Sachs, ao analisar China, Índia, Rússia e Brasil, os quatro grandes países emergentes. E, com quase certeza, os quatro repetirão os milagres do Japão e da Coreia do Sul, duas invejadas potências tecnológicas – quase porque, normalmente, quanto mais rápido o crescimento, piores os efeitos colaterais negativos, materiais e psicológicos.

Em 2009, o aumento na demanda da Rússia, Índia, Brasil e China, grupo batizado de Bric pelos analistas do banco, já será maior do que o dos seis países mais ricos, o G-8. No caso da China, o país terá ultrapassado a França em 2004, a Inglaterra em 2006 e a Alemanha em 2007 – a vez do Japão será em 2016. O PIB chinês cresceu 9,1% no terceiro trimestre de 2003, mais do que os 6,7% do segundo trimestre, e deve crescer cerca de 8,5% no ano, duas vezes mais que o dos Estados Unidos, o da Alemanha, França, Japão, Grã-Bretanha e Itália. O PIB da Índia – país atolado na pobreza, com metade da população abaixo dos 25 anos, mas segunda economia que mais cresce no mundo, depois da China – aumentou 4,3% em 2002 e deve crescer 7% este ano, segundo as expectativas dos analistas do banco. Já a Rússia, cujo PIB caiu 5,4% em 1998, cresceu 6,4% no ano seguinte, elevou o câmbio de 9,7 rublos/US\$, em 1998, para 24,6 em 1999, reduziu uma inflação de 86% e, desde então, fez a economia decolar.

O Brasil, no entanto, só cresceu 1,5% em 2002, contra 4,3% da Rússia, 4,9% da Índia e 8% da China, diz o estudo. Motivos: pouca abertura comercial, baixa poupança externa e elevado endividamento, que exigirá

**Enormes esforços terão de ser feitos nos anos próximos**

enormes esforços nos próximos anos para ser superado. O presidente Lula parece perceber que seu governo também corre contra o relógio ao condenar com veemência os subsídios às exportações. No item

exportações, são mais que conhecidos os exemplos dos países do Sudeste Asiático – Tailândia, Cingapura, Malásia etc, que tiveram rápida expansão e, agora, negociam com a China, o Japão e a Coreia do Sul um acordo para converter a região em uma zona de livre comércio até 2030.

Além disso, o presidente, os empresários, os trabalhadores e outros setores da sociedade têm pressionado o Congresso por reformas que alavanquem o crescimento – este ano, ajudado pela demanda chinesa de minério de ferro, cobre e soja, o Brasil terá um superávit comercial superior a US\$ 22 bilhões. Projeções do governo indicam ainda que o país pode crescer entre 3,5% e 4% ao ano, durante dois anos, sem obstáculos insuperáveis e prejuízos à estabilidade macroeconômica, aumentando assim o PIB potencial, o que significaria uma trajetória de crescimento sustentável.

Mas isso seria só um passo entre muitos outros igualmente necessários para chegarmos ao pelotão da frente, nas próximas três décadas, e estarmos juntos de apenas dois dos maiores gigantes que movem hoje a economia mundial, pois os outros ficariam mais abaixo no sobe-desce da gangorra. Algumas coisas vêm sendo feitas pelo Mercosul e pelas empresas brasileiras, a exemplo da Vale do Rio Doce, que tem na China seu maior cliente isolado de minério de ferro, e da Cummins, Embraco, Embraer, Siemens, Suzano e Voith, entre outras, que se voltam para o mercado chinês.

O presidente Lula, em sua primeira viagem à China, em 2004, para ampliar e consolidar o comércio exterior brasileiro na região, terá oportunidade de prospectar de perto o quanto o Brasil precisará avançar para se juntar aos pesos pesados da economia global.

*Miguel Jorge é vice-presidente de Recursos Humanos e Assuntos Corporativos do Santander Banespa*